

Laboratórios Didáticos da Faculdade de Educação da USP (LabEduc)
Laboratório de Ciências Humanas e Meios de Condução de Trabalhos Práticos e
Similares (LabCH)
Relatos de Experiências

Relatório de Estágio: História na Educação Infantil: uma experiência de estágio em uma sala de Infantil I

Participantes: Paloma Bet Gomes de Moura, Tiffany Naomi Motomatsu, Lais de Meneses Rodrigues e Mariana Martins Corrêa

Professora Orientadora: Dislane Zerbinatti de Moraes

INTRODUÇÃO

O presente relatório descreve nossa experiência de estágio em campo da disciplina Metodologia de Ensino de História ministrada pela Prof^a Dr^a Dislane Zerbinatti Moraes na Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo. Esse estágio, observação e a execução de uma atividade do plano de aula, foi realizado na Escola Municipal de Educação Infantil José Mauro de Vasconcelos, escola da rede pública de ensino na cidade de São Paulo em uma turma de Infantil I. O estágio se desenrolou com o acompanhamento das atividades propostas pela professora e sua realização pelos alunos.

No item *Instituição Observada*, é apresentada de forma breve a instituição na qual o estágio foi realizado.

No item *O Estágio*, é apresentado seu desenvolvimento, desde a conversa com a coordenadora, observações em sala de aula, conversas com a professora e a execução de uma das atividades propostas no plano de aula.

No item *Análise*, há uma exploração aprofundada a respeito de temáticas presentes na observação, entrevista com a professora e regência que realizamos.

No item *Reflexões Finais*, há algumas ponderações acerca de nossas experiências levando em conta o que foi aprendido em aulas e opiniões pessoais.

1. INSTITUIÇÃO OBSERVADA

O estágio foi realizado na EMEI José Mauro de Vasconcelos, localizada no bairro de Jardim Tietê, Zona Leste da cidade de São Paulo. Tal instituição foi criada pelo Decreto nº 21.111 de 19 de julho de 1985, atendendo a reivindicações da comunidade. De acordo com o *site* da prefeitura¹ de São Paulo, a escola oferece 384 vagas, sendo que dessas 186 são para Infantil I e 198 são para Infantil II, distribuídas em doze turmas ao longo de dois períodos letivos. No 1º período (7h às 13h), temos 92 alunos no Infantil I e 93 no Infantil II e no 2º período (13h às 19 h) 92 alunos no Infantil I e 95 no Infantil II. Atualmente, a escola atende 372 alunos¹. Essa EMEI conta com 29 servidores - dois agentes de apoio - nível I, três agentes escolares, três auxiliares técnicos de educação, uma coordenadora pedagógica, um diretor de escola, um inspetor de alunos e 18 professores generalistas - além dos funcionários terceirizados da limpeza.

A escola tem aproximadamente 900m² de área construída com seis salas de aula, uma secretaria, uma sala de professores, um refeitório para as crianças, uma cozinha, banheiros para os alunos e banheiros para os professores e funcionários, uma brinquedoteca, uma sala de vídeo, uma sala de informática, uma horta, um parque com dois níveis e um estacionamento para os professores e funcionários. A escola não possui sala de leitura (os livros infantis ficam localizados na sala de aula, e alguns são destinados para leitura somente na escola e outros para empréstimo). As salas de aula possuem uma porta que dá acesso ao corredor que leva ao refeitório. As janelas possuem grades e cortinas. Cada sala possui um aparelho de som e CDs com músicas infantis, clássicas, hinos nacionais, etc.

A comunidade participa, ainda que timidamente, do Conselho de Escola e Associação de Pais e Mestres (APM), dando sugestões e opinando nas decisões que são elencadas no grupo de funcionários, professores e comunidade. Observamos que a comunidade possui liberdade para falar com os professores na hora da saída das crianças sobre quaisquer dúvidas ou sugerindo algo. Participam da reunião de pais, festas e outros eventos realizados na escola - como o Dia da Família, evento realizado em alguns sábados previstos no calendário e no qual é possível ver atividades e produções dos filhos, participar de jogos e atividades diversas, além de momentos de conversa com os professores, a coordenadora, etc.

¹ Dados de referência de 25 de setembro de 2015.

Disponíveis em: <http://eolgerenciamento.prefeitura.sp.gov.br/frmgerencial/NumerosEscola.aspx?Cod=092673>

No Projeto Político Pedagógico (PPP) da escola existe um capítulo dedicado a contar um pouco sobre a história do patrono da EMEI. E no refeitório da escola tem uma placa onde está o nome da escola ano, de fundação, entre outras informações, e ao lado há uma foto do patrono.

2. O ESTÁGIO

Conversamos com a coordenadora pedagógica sobre a proposta de estágio de história e ela inicialmente se mostrou resistente: segundo ela não existe um trabalho voltado para os conhecimentos históricos nessa etapa da educação básica. Contudo, explicamos que a proposta com calendário, memória de acontecimentos passados que são trabalhadas e registradas na educação infantil, entre outros exemplos, valiam como experiência de estágio e ela por fim concordou.

2.1. Observação

A sala observada por nós foi o Infantil I – B da Professora Elaine e Professora Adriana. Porém, como realizamos o estágio no período da manhã, horário em que a Professora Elaine é regente da turma, pouco estabelecemos contato com a Professora Adriana. Assim, por conta dessas questões, realizamos a entrevista com a Professora Elaine.

A turma possui uma série de atividades que é realizada diariamente, constituindo o que chamam de rotina. Acreditamos que todas essas atividades presentes na rotina – sorteio dos ajudantes do dia, escrever o nome na lousa, contagem dos alunos presentes e dos que faltaram, calendário, etc.; e por serem realizadas diariamente, contribuem para construção da noção de temporalidade dos alunos. O elemento mais interessante, porém, acaba sendo o calendário que apresenta duas variações: o *calendário coletivo* (Figura 1) e o *calendário individual* (Figura 2). O *calendário coletivo* é marcado diariamente pela professora da turma que conversa com os alunos sobre qual é o dia da semana (exemplo: hoje é quarta-feira, estamos no meio da semana ou hoje é sexta-feira e amanhã é sábado - e por isso não teremos aula, nem no domingo, só voltaremos a nos encontrar na segunda-feira), se há alguma comemoração/evento ou está próximo de alguma data excepcional. Existe ainda um

calendário individual que cada aluno pinta todos os dias com cores diferentes. Quando um aluno falta em alguma aula, a professora risca os dias passados que não foram pintados para que posteriormente os alunos não fiquem confusos: essa atitude mostra para eles que houve uma passagem do tempo mesmo que não tenham ido à escola.

FIGURA 1 – Calendário coletivo



Fonte: arquivo pessoal

FIGURA 2 – Calendário individual



Fonte: arquivo pessoal

Até mesmo a rotina de do dia-a-dia da escola, como entrar e sair da escola, lanchar, ir ao parque, almoçar, escovar os dentes, ter atividade de cantinhos no mesmo horário, toda quarta-feira ir à brinquedoteca no mesmo horário, toda segunda-feira ir à sala de vídeo assistir um filme trazido pelos alunos ou pela professora, etc; ajuda a construir essa noção de que as nossas ações estão temporalmente situadas. Essa noção de temporalidade, no caso da educação infantil, se constitui de uma forma mais imediata do que se pensarmos na história da humanidade, e é fundamental que as crianças consigam compreender a primeira para poder compreender posteriormente a segunda.

A atividade mais interessante que presenciamos ocorreu no primeiro dia de observação na sala de aula. Durante o estágio, a professora da turma realizou uma atividade em que os alunos contaram para o grupo como foi o feriado prolongado do sete de setembro – que durou da sexta-feira (04/09) até a terça-feira (08/09) por conta de um problema na caixa de água da escola que impediu o retorno das aulas no tempo previsto – e depois eles registraram esses eventos por meio de desenhos. A maior parte da turma relatou que passou esses dias em casa dormindo, brincando com irmãos, primos, amigos, foi ao parquinho, entre outras coisas, narradas de forma bem sucinta. Porém, houve alguns relatos que nos pareceram interessantes no que diz respeito aos detalhes fornecidos, por exemplo, de uma menina que chamaremos de Juliana² e contou que durante o feriado assistiu ao DVD do casamento dos pais. De uma forma um pouco confusa no início, ela começou a narrar inicialmente o que estava acontecendo no casamento. A professora perguntou se os pais dela se casaram no final de semana e a menina corrigiu dizendo que assistiu ao DVD e que fazia muito tempo que eles se casaram. A professora questionou então se ela tinha ido ao casamento, ao que Juliana respondeu que não, pois ela ainda não tinha nascido e era um anjinho no céu. A professora perguntou então se ela tinha trazido um pedaço de bolo do casamento dos pais para ela (professora) e a menina, já um pouco inconformada, disse que não tinha bolo porque fazia muito tempo. Juliana foi questionada pela professora a respeito de há quanto tempo que os pais haviam se casado. A menina disse que o vídeo durou uns 18 minutos. Como não era a resposta esperada, a professora repetiu a questão, dessa vez perguntando há quanto anos os pais dela haviam se casado. A menina disse não saber e voltou a contar sobre a cena do casamento: como foi a cerimônia e a festa, quem arrumou o cabelo da mãe dela nesse dia,

² O nome Juliana, assim como de todos demais alunos nesse relatório, é fictício.

quem fez o bolo, que uma parente brigou na festa, uma tia dela já estava grávida nesse dia mas não sabia etc. Memórias que não são da vivência da criança, mas dos pais e parentes. Na hora de registrar a história Juliana fez um desenho da cerimônia de casamento dos pais e da festa, como mostra a Figura 3.

FIGURA 3 – Desenho 1



Fonte: arquivo pessoal

Outro relato que nos pareceu instigante foi de Amanda. Ela contou que viajou para o Rio de Janeiro "de avião" com os pais e mais alguns familiares – e detalhou o nome de cada membro da família que participou da viagem e o seu parentesco com ela – falou que eles ficaram na casa de um amigo da família, que a emprestou. A professora perguntou se ela não ficou com medo de "andar de avião", ao que a menina respondeu que não. No desenho a aluna representou seus pais e familiares (Figura 4).

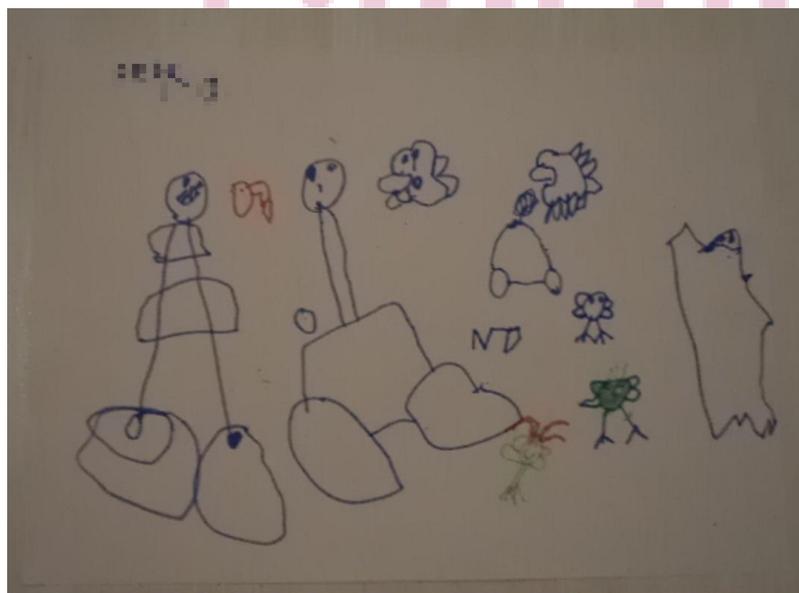
FIGURA 4 – Desenho 2



Fonte: arquivo pessoal

Já João relatou que seu pai levou a ele e sua irmã para uma praça que fica perto de sua residência para que eles pudessem andar de bicicleta, e que ele não precisava mais das rodinhas, pois ele é grande. A professora perguntou se a irmã dele ainda usava as rodinhas ao que o aluno responde "claro que não ela já tem nove anos, é mais velha que eu". Em seu desenho mostrou sua irmã e ele andando de bicicleta (Figura 5).

FIGURA 5 – Desenho 3



Fonte: arquivo pessoal

No segundo dia de observação, além das atividades citadas anteriormente (completar o calendário e contar os alunos), houve duas atividades de execução por parte dos alunos: contorno e pintura do caracol e escrita do número dois. Tanto em uma quanto em outra a professora lembrou as atividades parecidas com aquelas e que foram realizadas anteriormente. No caso da primeira atividade, a professora lembrou e pediu que os alunos olhassem um desenho anterior em que eles haviam realizado o mesmo processo que seria feito na referida aula, mas com a diferença que da primeira vez pintaram com lápis de cor e dessa vez pintariam com tinta guache. Na segunda atividade a professora lembrou e mostrou a atividade realizada com o número um e perguntou se eles recordavam dela. A maioria acenou positivamente.

Após essas duas atividades, a professora contou uma história chamada "Qual é a cor do amor?" que narra a aventura de um elefantinho em busca do conhecimento da cor do amor. A partir da narração, a professora começa a questionar os alunos sobre do que eles lembravam da história. Um aluno levanta a mão e começa a dizer que o elefantinho da história queria saber qual era a cor do amor. A professora faz mais questões que instigavam os alunos a tentarem lembrar dos elementos da história como: "Com quem o elefantinho conversou primeiro?", "O elefantinho ficou satisfeito com a resposta, por quê?". Essa rememoração dos fatos auxilia a compreensão dos alunos sobre a história contada e os estimula a se atentarem aos detalhes do percurso vivido pelo personagem. Além das perguntas referentes à história propriamente dita, a professora perguntou para as crianças onde a história se passava, as crianças responderam não saber, então a professora perguntou onde moravam aqueles tipos de animais (elefante, leão, hipopótamo, etc.). As crianças responderam então que na África, ou no zoológico, ao que a professora concordou e reforçou que no caso da história a localização era na África mesmo.

No terceiro dia de observação na sala de aula, a professora da turma realizou uma atividade em que os alunos desenharam um autorretrato inicialmente em plástico transparente do tamanho de uma folha A4 e depois fizeram a ampliação do desenho para uma cartolina utilizando o retroprojetor. A professora colocou o desenho do aluno no aparelho e projetou sobre a cartolina que estava presa por uma fita adesiva na lousa: então, a criança autora do desenho contornou a projeção utilizando uma caneta hidrográfica de cor preta e depois pintou o desenho usando lápis de cor. Como esse é um processo relativamente demorado, a

professora distribuiu brinquedos nas mesas para que uma parte das crianças brincassem enquanto outra parte realizava a tarefa. Essa atividade não foi concluída nesse dia. A professora explicou que as crianças deveriam caprichar nos desenhos pois estes ficariam expostos na mostra cultural que acontecerá no mês de novembro e que elas poderiam convidar seus familiares para visitarem e verem os seus trabalhos.

2.2. Entrevista com a professora Elaine

A entrevista foi realizada durante o estágio. Acreditamos ser mais pertinente apresentá-la no corpo desse relatório, pois esse instrumento será mobilizado em parte da análise. As questões que compõem a entrevista foram formuladas com base nas ideias gerais por nós observadas durante o estágio com a professora Elaine.

A presente entrevista tem como objetivo conhecer um pouco mais sobre como a professora da turma observada compreende o ensino de história através da memória pessoal e do cotidiano.

Nome: Elaine Cristina Arantes Fernandes

Idade: 40

Gênero: Feminino

Qual a sua formação? Me formei no antigo Magistério numa escola pública (ensino noturno) e em seguida fiz a graduação em Pedagogia na FEUSP (1996-2000).

Há quanto tempo leciona? 21 anos.

Com que series já trabalhou? Educação Infantil (todos os níveis) e 3º ano do Ensino Fundamental.

Quais motivos te levaram a escolher a profissão professora? Sempre gostei da ideia de ensinar e aprender no contato diário com as crianças.

Qual a sua relação com a história? Gosto muito de história, seja ela das pessoas ou acontecimentos, pois acredito que esse conhecimento é muito importante para a construção da história das gerações futuras.

Quais são as suas memórias sobre a aprendizagem de história? Tenho boas recordações das aulas de história desde o Ensino Fundamental. Tinha uma boa relação com os professores,

facilidade com os conteúdos e boas notas. No vestibular, caso não fizesse pedagogia, pensei em cursar história.

O que você pensa sobre a disciplina de história? Acho uma disciplina importante que nos permite conhecer o caminho que percorremos enquanto humanidade e a pensar em todos os acontecimentos que nos trouxeram até a atualidade. Esse conhecimento também fornece ferramentas para uma análise pessoal de quem somos, porque somos e como atuamos na vida social.

Como você aborda os conteúdos e conhecimentos de história na sua turma da Educação Infantil? Na Educação Infantil os conteúdos de história ficam mais no campo da história pessoal, num processo que visa a construção da identidade de cada um. Também pensamos na história da família e na valorização da cultura popular, de cada um. Fatos históricos marcantes como o descobrimento, independência, entre outros são tratados oralmente, na roda, em uma linguagem adequada à faixa etária dos alunos.

Quais são as dificuldades em se ensinar história na Educação Infantil? Para mim a maior dificuldade é falar de fatos históricos em uma linguagem que atinja os alunos. A história pessoal é a que fica mais próximo do ensino de história. Nas orientações curriculares, as orientações didáticas falam da história no campo de conhecimento da cultura como forma de pensar e elaborar ideias acerca do mundo. A dificuldade está em alcançar a realidade de cada um de forma que o conteúdo seja aprendido de forma significativa

2.3. Regência

2.3.1. Plano de Ensino

O plano de ensino que apresentamos abaixo foi elaborado no contexto da disciplina de Metodologia do Ensino de História, ministrada pela Profa. Dra. Dislane Zerbinatti de Moraes, no ano de 2015. Da sua elaboração participaram quatro alunas da Pedagogia: Lais de Meneses Rodrigues, Mariana Martins Corrêa, Paloma Bet Gomes de Moura e Tiffany Naomi Motomatsu. O plano foi inicialmente elaborado para o trabalho com crianças do 2o ano do Ensino Fundamental, sendo posteriormente reformulado para a atividade de regência solicitada e as especificidades daquele agrupamento. Assim, anexamos abaixo o plano

original e, a seguir, sua versão reformulada pelas alunas Paloma Bet Gomes de Moura e Tiffany Naomi Motomatsu para a regência em uma turma de Educação Infantil.

MEMÓRIAS NA HISTÓRIA: PLANO DE ENSINO PARA ALUNOS DO ENSINO FUNDAMENTAL I

INTRODUÇÃO

Ao longo da disciplina, tivemos a oportunidade de verificar a importância da memória pessoal e coletiva no ensino e aprendizagem de História. Este trabalho é, portanto, fruto deste entendimento. Nosso plano didático teve por objetivo levar os alunos a apreenderem a relevância de suas próprias memórias para, então, compreenderem em um universo mais amplo as memórias de sua própria sociedade e mais antigas.

Durante a elaboração das atividades, os aspectos lúdicos foram considerados visando facilitar a vivência e não somente a aquisição de conteúdos de modo a desmistificar a ideia de que o aprendizado desta disciplina é difícil e enfadonho.

PÚBLICO ALVO

O público alvo para o qual nosso plano de ensino se destina é formado por alunos do 2º ano do Ensino Fundamental I, com idades entre sete e oito anos, uma vez que as atividades propostas tem um enfoque principalmente oral.

TEMÁTICA E OBJETIVOS

Como mencionado, o tema principal das aulas elaboradas foi a memória, a saber, aquela contida em objetos, ambientes e monumentos, de acordo com a seguinte estrutura:

1. Memória pessoal;
2. Memória de pessoas mais velhas;
3. Memória coletiva;
4. Memória dos antepassados.

JUSTIFICATIVA DO TEMA

A história é uma forma de memória e é sobre ela que decidimos focar nosso plano de aula. A memória, por sua vez, é a entidade responsável pelas recordações e esquecimentos, ou

seja, a faculdade de imaginar o desaparecido ou desistir de fazê-lo, de forma que existe apenas a recordação, enquanto o esquecimento é a ausência da lembrança (ROSA, 2007, p. 54).

“A preservação da memória é essencial para a valorização da identidade e da cidadania cultural em determinado lugar e situada num determinado tempo histórico” (GONÇALVES, ZARBATO, 2014, pp. 1-2). Além disso, existe no ser humano uma necessidade de auto-construção, ou seja, de ter clareza de sua própria identidade e é por meio da consciência histórica de seu grupo de pertencimento que é possível fazê-lo (BERNARDO, 2009, p. 27).

A memória é uma capacidade individual, mas os coletivos também recordam (ROSA, 2007, p. 56). É por este motivo que decidimos focar em ambos os tipos de memória: a individual (dos alunos e de pessoas mais velhas) e também a coletiva. A memória coletiva se

desenvolve a partir de laços de convivência familiares, escolares, profissionais. Ela entretém a memória de seus membros, que acrescenta, unifica, diferencia, corrige e passa a limpo. Vivendo no interior de um grupo, sofre as vicissitudes da evolução de seus membros e depende da sua interação.” (BOSI, 1994, p. 408, 411)

No que diz respeito à valorização da memória coletiva, “os monumentos se configuram legitimadores da rememoração e valorização do passado. E constituem-se como elementos que agregam a política do que deve ser lembrado”. Da mesma forma, no que se refere aos indivíduos, a memória pode ser depositada em objetos, os quais “carregam memórias junto de si, apresentando um lado visual e sensível (tátil, auditivo, gustativo e olfativo)”, representando um recurso pedagógico fundamental para a compreensão de contextos culturais (GONÇALVES, ZARBATO, 2014, p. 2).

Assim, pode-se dizer que recuperar o passado é uma primeira garantia de um sentido para o presente e a memória dos relatos e testemunhos de épocas passadas são transformadas em narrativa histórica (TELES, 2001).

OBJETIVOS DA APRENDIZAGEM HISTÓRICA PARA AS SÉRIES INICIAIS

Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais de História e Geografia publicado pelo MEC, em 1997, é previsto que no decorrer do Ensino Fundamental I os alunos consigam de forma gradual ler e compreender sua realidade, posicionar-se, fazer escolhas e agir com discernimento. Sendo capazes de:

- identificar o próprio grupo de convívio e as relações que estabelecem com outros tempos e espaços;
- organizar alguns repertórios histórico-culturais que lhes permitam localizar acontecimentos numa multiplicidade de tempo, de modo a formular explicações para algumas questões do presente e do passado;
- conhecer e respeitar o modo de vida de diferentes grupos sociais, em diversos tempos e espaços, em suas manifestações culturais, econômicas, políticas e sociais, reconhecendo semelhanças e diferenças entre eles;
- reconhecer mudanças e permanências nas vivências humanas, presentes na sua realidade e em outras comunidades, próximas ou distantes no tempo e no espaço;
- questionar sua realidade, identificando alguns de seus problemas e refletindo sobre algumas de suas possíveis soluções, reconhecendo formas de atuação política institucionais e organizações coletivas da sociedade civil;
- utilizar métodos de pesquisa e de produção de textos de conteúdo histórico, aprendendo a ler diferentes registros escritos, iconográficos, sonoros;
- valorizar o patrimônio sociocultural e respeitar a diversidade, reconhecendo-a como um direito dos povos e indivíduos e como um elemento de fortalecimento da democracia. (BRASIL, 1997, p.33)

Nos anos iniciais, o ensino e a aprendizagem da História devem estar voltados para atividades que possibilitem aos alunos entender as semelhanças e diferenças, as permanências e as transformações no modo de vida social, cultural e econômico do local onde vive. Por estarem ainda no início da alfabetização, deve-se priorizar o trabalho com fontes orais e iconográficas - fotografias, mapas, filmes, depoimentos, edificações, objetos de uso cotidiano - e por meio delas desenvolver o trabalho com a linguagem escrita (BRASIL, 1997, p.33).

O professor deve introduzir aos alunos a leitura das diversas fontes de informação, para que eles adquiram, no decorrer do processo, uma maior autonomia intelectual. De modo geral, no trabalho com fontes documentais, é necessário desenvolver trabalhos específicos de levantamento e organização de informações, leitura e formas de registros (BRASIL, 1997).

Considerando o eixo temático “História local e do cotidiano”, a proposta é a de que, no primeiro ciclo, os alunos iniciem seus estudos históricos no presente, mediante a identificação das diferenças e das semelhanças existentes entre eles, suas famílias e as pessoas que trabalham na escola. Com os dados do presente, a proposta é que

desenvolvam estudos do passado, identificando mudanças e permanências nas organizações familiares e educacionais. (BRASIL, 1997, p. 41)

Dentre os vários objetivos específicos que podemos atribuir ao ensino de História, um dos mais importantes está relacionado à constituição da noção de identidade: sendo assim, é fundamental que no processo de ensino sejam estabelecidas relações entre identidades individuais, sociais e coletivas (BRASIL, 1997). Destaca-se também a necessidade de uma abordagem nas propostas educacionais que sejam capazes de situar a relação entre o particular e o geral, "quer se trate do indivíduo, sua ação e seu papel na sua localidade e cultura, quer se trate das relações entre a localidade específica, a sociedade nacional e o mundo." (BRASIL, 1997, p. 27).

Outro aspecto importante é a construção das noções de semelhanças e diferenças. Nessa dimensão, é significativo a compreensão do "eu" e a percepção do "outro". Assim, para se ter esta percepção do "outro", é preciso identificar as diferenças dentro do próprio grupo de convívio, fazendo o reconhecimento dos membros novos e velhos, mulheres e homens, etc., e o "outro", exterior ao grupo, o "forasteiro", aquele que habita outro local. Para que se construa a noção de "nós" faz-se necessário a "identificação de elementos culturais comuns no grupo local e comum a toda a população nacional e, ainda, a percepção de que outros grupos e povos, próximos ou distantes no tempo e no espaço, constroem modos de vida diferenciados." (BRASIL, 1997, p. 27).

METODOLOGIA

De modo a oportunizar o processo de aprendizado e apropriação da experiência histórica, são necessárias três operações: experiência, interpretação e orientação. No que diz respeito à experiência:

[...] o contato com outras experiências vividas por diferentes sujeitos, em diferentes épocas e lugares, permite uma vivência a nível intelectual que contribui para o aprofundamento da consciência "de que os dias de hoje se passam de outra forma do que no passado, porque as condições de vida prática de cada um são historicamente específicas". (RUSEN 2007b:113 apud BERNARDO, 2009, p. 31)

Em relação à operação interpretativa, Bernardo (2009) diz que o aprendizado histórico

[...] proporciona que os modelos de interpretação, utilizados no processamento da experiência e na organização do saber, põe-se em movimento, tornem-se flexíveis, expandam-se e diferenciem-se, enfim, tornem-se conscientemente refletidos e argumentativamente utilizáveis. “Trata-se da capacidade (...) de transpor sua contemporaneidade para novos pontos de vista e novas perspectivas, nas quais e com as quais podem fazer e interpretar as experiências históricas”. (RUSEN, 2007b:116 apud BERNARDO, 2009, p.31)

Sobre a orientação, a autora diz que tal competência trata da

função prática das experiências históricas interpretadas e ao uso dos saberes históricos, ordenados por modelos abrangentes de interpretação, com o fito de organizar a vida prática, com sentido, em meio aos processos temporais, ao longo dos quais os homens e seu mundo se modificam. (RUSEN, 2007b:116 apud BERNARDO, 2009, p. 32).

É importante ressaltar que todas essas dimensões do aprendizado histórico estão interligadas, pois “todo modelo de interpretação é relacionado simultaneamente à experiência e à orientação.” (RUSEN, 2007b:118 apud BERNARDO, 2009, p. 32), sendo assim, segundo Bernardo (2009, p. 32) a aprendizagem histórica deve ser planejada de modo a abarcar o desenvolvimento de múltiplas habilidades, competências e procedimentos que auxiliem na formação histórica do educando.

ORGANIZAÇÃO DAS AULAS DE ACORDO COM OS CONTEÚDOS

1ª Aula: Memória pessoal

Objetivos:

Introduzir a temática da memória afetiva ou memória pessoal através de uma adaptação da história do Guilherme Augusto Araújo Fernandes e explorar as possibilidades que cada objeto antigo traz como lembrança na vida dos alunos. Pretendemos, assim,

introduzir o trabalho com os objetos como receptáculos das memórias das pessoas que os possuem.

Recursos e Materiais:

Serão utilizados para a realização dessa atividade os seguintes recursos e materiais:

- **Para a história:**

1. Livro Guilherme Augusto Araújo Fernandes (para lembrar a história)
2. Um saquinho para colocar os objetos;
3. Canetas hidrográficas para personificarem os personagens;
4. Uma concha;
5. Uma casca de ovo inteira (ou ovo de plástico);
6. Uma medalha;
7. Um fantoche;
8. Uma bola.

- **Para a atividade de memória:**

9. Um livro antigo;
10. Uma nota antiga de 200 cruzeiros.;
11. Algum objeto antigo diferente dos listados para essa atividade;
12. Papel sulfite;
13. Lápis de cor, giz de cera e caneta hidrográfica para registro.

Metodologia:

Para iniciar o tema, convidaremos os alunos a ouvir uma adaptação da história *Guilherme Augusto Araújo Fernandes*, que foi escrita e publicada por Mem Fox e tem ilustrações feitas por Julie Vivas. Essa contação será feita através de um teatro com objetos conhecidos pelas crianças, sendo os personagens representados por meio de canetas hidrográficas. A ideia é de fazer os alunos, ao ouvirem a história, imaginarem os cenários e como são os personagens. Para ajudar na visualização, será levado outros objetos – externos aos personagens – para auxiliar na contação e na imaginação.

Depois disso, haverá uma roda de conversa onde se dará o compartilhamento de ideias. Os alunos serão convidados a expor o que eles acharam da história, o que mais chamou sua atenção e haverá discussão sobre os personagens. O intuito é levantar a temática da memória afetiva.

Com o entendimento de memória afetiva, mostraremos a eles objetos antigos – uma nota de 200 cruzeiros, um livro e uma medalha antiga. Como sugestão, pode ser interessante apresentar algumas imagens de objetos antigos. O intuito é de que o aluno possa estabelecer relações entre objeto e algo que ele viu parecido em sua casa ou na casa de algum parente. As relações também podem ser feitas com algo que ele viu em uma revista antiga ou na televisão. Essa associação com alguma memória será contada na roda de conversa.

Estabelecida a relação, pediremos para que cada aluno faça um registro escrito e/ou em forma de desenho (a depender das possibilidades de momento e do grupo) sobre uma lembrança evocada ao ver as peças antigas. A justificativa para esse pedido se encontra em Moreno et al, que aponta que

As produções infantis são [...] elementos privilegiados para o estudo dos processos de aprendizagem que ocorrem nas salas de aulas e constituem o complemento necessário para avaliar, com conhecimento de causa, a eficácia das técnicas didáticas. (1999, p.102-103)

Terminada essa atividade, cada aluno terá a oportunidade de falar e se expressar sobre o que desenhou/escreveu e por quê.

Como atividade de casa - e ao mesmo tempo preparação para a realização da atividade seguinte - pediremos que os alunos escolham um objeto seu e mostre para pessoas mais velhas (preferencialmente idosas) de sua família ou amigos, perguntando sobre que lembranças/memórias que esse objeto desperta na pessoa questionada. As questões realizadas serão:

1. Este objeto te lembra alguma coisa?
2. Você tem ou já teve um destes ou algum objeto com a mesma finalidade?
3. Me conte uma história de que você se lembra quando olha para isto.

A criança pode pedir auxílio na escrita da resposta.

2ª Aula: Memória dos mais velhos

Objetivos:

Dar continuidade ao trabalho com os objetos como receptáculos das memórias das pessoas que os possuem, apresentando agora a memória de um "outro" que, apesar de pertencer ao grupo de convivência do aluno, possui uma idade mais avançada e, portanto, memórias diferentes deste.

Recursos e Materiais:

1. Atividade solicitada na aula anterior aos alunos (questionário realizado com a pessoa mais velha);
2. Objeto utilizado pela criança na realização da atividade.

Metodologia:

Antes de começar a atividade, faz-se necessário retomar alguns elementos da atividade anterior. Em seguida, a tarefa de casa será retomada. Haverá o compartilhamento das respostas entre os colegas. Os alunos serão avisados que, caso a pessoa idosa tenha se lembrado de outros objetos por meio daquele apresentado, tal objeto também pode ser levado ou, na impossibilidade, alguma foto. Por exemplo: a criança escolheu uma medalha do campeonato de natação e isso lembrou ao avô entrevistado sobre um certificado de honra ao mérito que recebeu: neste caso, a criança pode, se tiver possibilidades e quiser, levar o certificado ou uma foto deste para compartilhar com o grupo.

Depois de todas apresentações, discutiremos sobre como um mesmo objeto pode gerar memórias diferentes em diferentes pessoas. Também pensaremos nas diferenças das memórias de pessoas mais idosas e dos alunos.

3ª Aula: Memória coletiva (visita a um monumento)

Objetivos:

Abordar os objetos como receptáculos das memórias tendo como foco a perspectiva coletiva, mostrando para os alunos como os monumentos têm por objetivo preservar a

memória coletiva de um determinado grupo. Para tanto, será escolhido um monumento para que seja visitado como, por exemplo, o obelisco no Parque do Ibirapuera.

Recursos e Materiais:

- Para a atividade em sala:
 1. O professor levará fotos de diferentes monumentos.

- Para excursão:
 1. Ônibus fretado para transporte dos alunos;
 2. Lanche;
 3. Papel e caneta para anotações;
 4. Máquina fotográfica ou celular;
 5. Dinheiro para ingresso.

Metodologia:

Inicialmente, apresentar aos alunos em sala de aula fotos de diferentes monumentos, contando a história por trás de cada um: por que aquele monumento foi erguido, qual a lembrança que ele tem por objetivo invocar nas pessoas. Depois disto, os alunos serão levados a uma visita ao obelisco que fica localizado no Parque do Ibirapuera, apresentando para os alunos o monumento em si e o motivo pelo qual foi criado.

Segundo o site do Parque do Ibirapuera, o Obelisco³ é o maior monumento da cidade de São Paulo, com 72 metros de altura, sendo um monumento funerário que guarda os corpos dos mortos na chamada Revolução de 1932. O monumento foi construído para manter a memória da rebelião, motivo pelo qual também foram feitas representações da passagem histórica por meio de pastilhas de mosaico veneziano. Foi reaberto para visitação no ano passado, 2014, de forma que os alunos participarão de uma atividade guiada, apropriando-se da ideia do monumento como fonte de memória coletiva.

³ Informações disponíveis em: <http://www.parqueibirapuera.org/areas-externas-do-parque-ibirapuera/obelisco-do-ibirapuera/>. Acesso em 24/11/2015

4ª Aula: Memória dos antepassados (visita ao museu)

Objetivos:

Depois de trabalhar as memórias contidas nos objetos pensando na memória pessoal, da memória do outro e da memória coletiva, temos como objetivo apresentar os objetos que instigam sobre a memória dos antepassados e o lugar aonde são agrupados e expostos: o museu histórico. A ideia desta atividade é imaginar o uso que os imigrantes faziam dos objetos e pensar nas memórias de pessoas que não estão mais entre nós por meio de coisas concretas. Para isso serão visitadas especificamente a exposição permanente *Migrar: experiências, memórias e identidades*⁴, no Museu do Imigrante, também reaberto a visitação em tempos recentes.

Recursos e Materiais:

1. Ônibus fretado para transporte dos alunos;
2. Lanche;
3. Papel e caneta para anotações;
4. Máquina fotográfica ou celular;
5. Dinheiro para ingresso.

Metodologia:

Levaremos as crianças a uma visita ao Museu da Imigração, em São Paulo, e problematizaremos os objetos contidos no museu da imigração, bem como o próprio museu, aonde os imigrantes ficavam alojados quando chegavam a São Paulo. Durante a visitação da exposição *Migrar: experiências, memórias e identidades*, instigaremos que os alunos reflitam sobre os usos dos objetos e roupas expostos e de que modo eles nos possibilitam vislumbrar um pouco do cotidiano das pessoas que possuíram eles. Proporemos também que façam uma comparação com os objetos expostos e os que temos atualmente e como a diferença entre eles impacta na vida cotidiana.

⁴ As informações da exposição estão no site <http://museudaimigracao.org.br/>. Acesso em 23/11/2015.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARREIRA, C. BOAVIDA, J. ARAÚJO, N. **Avaliação formativa: Novas formas de ensinar e aprender.** *Revista portuguesa de pedagogia.* Ano 40-3. Portugal: Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, 2006. Disponível em: <https://digitalisdsp.uc.pt/bitstream/10316.2/4472/1/7%20-%20Avaliacao%20formativa%20%20Novas%20formas%20de%20ensinar%20e%20aprender.pdf?ln=pt-pt>. Acesso em 24/11/2015

BERNARDO, S. B. R. **O ensino de história nos primeiros anos do ensino fundamental: o uso de fontes.** 2009. Dissertação (Mestrado em História Social). Centro de Letras e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Londrina, março de 2009. Disponível em: <http://www.uel.br/pos/mesthis/arqtxt/disonline/dissertaSUSSANAMESTHIS.pdf>. Acesso em 14/11/2015.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais : história, geografia** / Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília : MEC/SEF, 1997. Disponível : <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro051.pdf>. Acesso em 12/11/2015.

BOSI, E. **Memória e sociedade: lembranças de velhos.** 3ª edição. São Paulo: Companhia das letras, 1994)

GONÇALVES, C. C; ZARBATO, J. A. M. **Os usos da memória e do patrimônio cultural na sala de aula: o monumento como fonte histórica.** In: Democracias e Ditaduras no Mundo Contemporâneo: XII Encontro da Associação Nacional de História, Seção Mato Grosso do Sul. 2014. UFMS/CPAQ, Aquidauana, MS. Disponível em: http://www.encontro.ms.anpuh.org/resources/anais/38/1411251699_ARQUIVO_OSUSOSDAMEMORIAEDOPATRIMONIOCULTURALNASALADEAULA.pdf. Acesso em 19/11/2015.

MORENO, M et al. **Falemos de sentimentos:** a afetividade como um tema transversal. São Paulo: Editora Moderna, 1999. (Educação em pauta: temas transversais)

ROSA, A. Recordar, descrever e explicar o passado. O que, como e para o futuro de quem?. In: CARRETERO, M., ROSA, A., GONZÁLEZ. M. F. (orgs.). **Ensino da história e memória coletiva**. Tradução de Valério Campos. Porto Alegre: Artmed, 2007. p. 53-60.

TELES, E. L. de A. **Passado, Memória e História: o desejo de atualização das palavras e feitos humanos**. Revista Urutaguá [revista eletrônica]. Ano I, nº 3. Maringá/Paraná: dezembro de 2001 [<http://www.urutagua.uem.br>]. ISSN 1519.6178. Disponível em: <http://www.urutagua.uem.br//03teles.htm>. Acesso em 12/11/2015

2.3.2 - Plano de Regência: Infantil I

A atividade executada no estágio faz parte da Sequência Didática de Metodologia de História elaborada para a disciplina. O intuito da atividade é introduzir a temática memória afetiva ou memória pessoal através de uma história adaptada e explorar as possibilidades que cada objeto antigo traz como lembrança na vida dos alunos. Dessa forma pretendemos introduzir o trabalho com os objetos como receptáculos das memórias das pessoas que os possuíram ou possuem.

Os recursos e materiais⁵ utilizados para a realização dessa atividade junto aos alunos do Infantil I estão elencados a seguir:

- **Para a história:**

1. Adaptação da história do livro *Guilherme Augusto Araújo Fernandes*;
2. Um saquinho para colocar os objetos;
3. Canetas hidrográficas para personificarem os personagens;
4. Uma concha;
5. Uma casca de ovo inteira;
6. Uma medalha;
7. Um fantoche;

⁵ Alguns dos recursos estão disponíveis nos anexos.

8. Uma bola.

• **Para a atividade de memória:**

9. Um livro antigo;

10. Uma nota antiga de 200 cruzeiros;

11. Algum objeto antigo diferente dos listados para essa atividade;

12. Papel sulfite;

13. Lápis de cor, giz de cera e caneta hidrográfica para registro.

Metodologia:

Para iniciar o tema, convidaremos os alunos a ouvir a adaptação da história *Guilherme Augusto Araújo Fernandes*, que foi escrita e publicada por Mem Fox e tem ilustrações feitas por Julie Vivas. Essa contação será feita através de um teatro com objetos conhecidos pelas crianças, sendo os personagens representados por meio de canetas hidrográficas. A ideia é estimular os alunos a imaginarem os cenários e como são os personagens enquanto escutam a história. Para ajudar na visualização, disponibilizaremos outros objetos – externos aos personagens – para auxiliar na contação e na imaginação. Esta adaptação está disponível nos Anexos.

Após, haverá uma roda de conversa para compartilhamento de ideias. Os alunos serão convidados a expor o que acharam da história, o que mais lhes chamou a atenção e haverá discussão sobre os personagens. O intuito é levantar a temática da memória afetiva.

Com o entendimento de memória afetiva, mostraremos a eles objetos antigos – uma nota de 200 cruzeiros, um livro e uma medalha antiga. Como sugestão, pode ser interessante apresentar algumas imagens de objetos antigos. O intuito é de que o aluno faça uma relação desse objeto com algo que ele viu parecido na casa dele ou na casa de algum parente. A relação também pode ser feita com algo que ele viu em uma revista antiga ou na televisão. Essa associação com alguma memória será contada na roda de conversa.

Estabelecida a relação, pediremos para que cada aluno faça um registro escrito e/ou em forma de desenho sobre uma lembrança que tiveram ao ver as peças antigas. A justificativa para esse pedido se encontra em Moreno et al, que aponta que

As produções infantis são [...] elementos privilegiados para o estudo dos processos de aprendizagem que ocorrem nas salas de aulas e constituem o complemento necessário para avaliar, com conhecimento de causa, a eficácia das técnicas didáticas. (MORENO, 1999, p.102-103)

Ao concluirmos essa atividade, cada aluno terá a oportunidade de falar e se expressar sobre o que desenhou e por quê.

2.3.3. Relato da regência

Como a Sequência Didática estava inicialmente voltada para alunos do 2º ano do Ensino Fundamental, foram feitas algumas adaptações como a retirada da atividade para a casa, o contador da história e a proposta do registro apenas pelo desenho, uma vez que as crianças ainda não estão alfabetizadas.

Primeiro, pedimos que os alunos se sentassem no chão de forma que ficassem mais confortáveis e para melhor visualização dos objetos usados como personagens no decorrer da contação da história adaptada a partir do livro *Guilherme Augusto Araújo Fernandes*, de Mem Fox e ilustração de Julie Vivas; então, a estagiária Tiffany, sentou-se em uma cadeira. Para deixar a contação mais divertida, utilizou um fantoche de sapo que possuía e que fazia parte da história para interagir com os alunos. Alguns começaram a rir por conta do fantoche ter uma expressão engraçada e outros fingiram ter medo quando ela o utilizava para se aproximar de alguma criança. Começou narrando a adaptação que tinha feito e, para confeccionar os personagens, utilizou canetas hidrográficas com tampa branca para ajudar na contação. Em certo momento da história, as crianças, já acostumadas com todo aquele cenário, pediram para que o fantoche (com a sua voz de um jeito engraçado), e não Tiffany, contasse a história. Foi um momento bem interessante a ser observado. Seguindo com a história, houve um momento em que surgiu a palavra "memória" e Tiffany perguntou para as crianças o que era a memória e elas relacionaram com o jogo da memória.

Foi chegando o fim da história e o momento em que seriam mostrados os objetos que restavam – uma bola, uma casca de ovo inteira, uma concha grande, uma medalha. Um a um foram retirados do saco de pano e o primeiro a ser mostrado foi a casca de ovo. Ao vê-la, as crianças questionaram vários aspectos: “Nossa, é um ovo de verdade?”, “Por que ele tem um furo?”. Ela disse a eles que não era um ovo e sim a casca e que tinha um furo por que teve de

retirar o seu conteúdo para mostrar a eles. Depois, foi mostrado a concha e eles exclamaram: "Nossa. Que bonita! Posso ouvir?". Tiffany explicou então que eles poderiam ver o objeto após a contação e perguntou se eles não estavam interessados em saber como a história terminava. Mostrou então a medalha e eles nada disseram. Cremos que estavam querendo que ela terminasse logo a história para tocarem nos objetos.

Após a contação, para mostrar os objetos que mais chamaram a atenção dos alunos no momento da história, resolvemos organizá-los em roda e passar a concha, a bola e o fantoche para que eles pudessem ver. Orientamos a tomar cuidado com a concha por ser algo frágil. A primeira coisa que os alunos faziam ao receber a concha era colocá-la no ouvido para ouvir o mar que foi falado na história. Com a bola, as recomendações foram outras. Pedimos para que eles, ao pegarem na bola, apertassem, tocassem e sentissem os detalhes que tinha. Também solicitamos que eles não jogassem a bola em direção ao colega como se fosse um jogo e passassem de mão em mão. Caso a bola viesse a cair da mão deles, que não ficassem chutando para longe para que o colega não pudesse pegar. Em relação ao fantoche, embora a recomendação que tinha sido feita era de não utilizá-lo para cutucar o colega, muitas crianças o fizeram, tornando a passagem do fantoche de mão em mão um pouco mais devagar que os outros objetos.

Após esse momento de descontração, voltamos à organização da roda e conversamos sobre a história. Porém, eles não quiseram se expressar muito e acreditamos que isso devido ao seu maior interesse pelos outros objetos que havíamos trazido. Decidimos então passar para a próxima etapa. Então, mostramos a eles os seguintes objetos: um livro, uma nota antiga e uma medalhinha. Antes de disponibilizar esses materiais para que eles pudessem vê-los de modo mais próximo e tocá-los, fomos segurando cada um deles e perguntando se aquilo lembrava algo que tinha na casa deles ou na de algum parente. A ideia era que eles se lembrassem, ainda que vagamente, algo semelhante na casa de seus familiares e que isto remetesse a uma memória afetiva.

Com o livro, os alunos disseram que "ah, tem na casa da minha avó", "ah, minha mãe tem um livro de receitas parecido com esse livro" e "nossa, tem um dinossauro na capa. Eu tenho um dinossauro.", "minha mãe compra igual a essa livro. Minha mãe não acha [o livro] velho. Minha mãe acha ele especial", "Eu vi na biblioteca", "Eu vi no museu", "Eu vi na Mateo Bei [avenida que fica perto da escola]".

Com a nota, os alunos perguntaram coisas como "Isso é dinheiro de verdade?". Disseram que a nota se parecia com a nota que temos hoje. Também disseram que a efígie simbólica da República estampada na nota antiga também foi vista em moeda atual e que a nota que a estagiária Paloma estava segurando era muito velha, dos tempos do dinossauro. Um aluno chegou a dizer que a nota era mais velha que sua avó.

Sobre a medalha antiga, os alunos disseram coisas como "que bonita", "parece um colar". Perguntamos se algum deles já havia visto algo parecido e alguns –poucos– disseram que já tinham visto parecido no pescoço de suas mães ou de algum familiar.

No momento de entregar cada objeto, também fizemos algumas recomendações como ter cuidado no momento de manusear os objetos. Entregamos primeiro o livro. As crianças, ao tocarem na capa, viam o dinossauro e faziam comentários parecidos como o que foi dito anteriormente. Com a nota, eles colocavam contra a luz para ver se encontravam alguma marca da água, presente nas notas atuais. Sobre a medalha, o primeiro ato que eles faziam era de levar a medalha em direção ao pescoço, simulando um colar. Depois, se atentaram para as facetas da medalha.

Em seguida, com os materiais previamente separados e distribuídos nas mesas, pedimos para que os alunos desenhassem algo que tivesse relação com o livro, a nota e/ou a medalha. Para auxiliá-los no entendimento da proposta demos um exemplo: "Um dos seus colegas me disse que o livro de receitas da mãe dele é parecido com o livro que eu trouxe". Após o exemplo, eles desenharam. Enquanto realizavam essa atividade, organizamos os materiais novamente para guardá-los, já que não seria mais necessário utilizá-los e de modo a evitar que algum aluno se distraísse da atividade proposta. Feito isso, passamos de mesa em mesa para ver o que eles estavam desenhando. Percebendo que alguns já haviam terminado, pensamos em começar a organizar a roda de conversa. Entretanto, não haveria tempo hábil para organizar a roda com todos os alunos para começarmos a conversar sobre suas produções¹. Além disso, os alunos que haviam finalizado a atividade estavam um pouco impacientes para saber o que ia acontecer. Tal impaciência se demonstrava ao cutucar o colega que estava desenhando ou brincar com os materiais de desenho que se encontravam em cima da mesa. Decidimos, então, conversar com os alunos um a um perguntando sobre o que desenharam e o porquê dessa escolha.

Segundo Siman (2003) citando Bosi,

datas são pontos de luz sem os quais a densidade acumulada dos eventos pelos séculos causaria um tal negrume que seria impossível sequer vislumbrar no opaco dos tempos os vultos das personagens e as órbitas desenhadas pelas ações. A memória carece de nomes e de números. A memória carece de nubes. (BOSI apud SIMAN, 2003, p.112).

Durante o estágio realizado na Educação Infantil, nos foi possível observar exatamente isso, tanto nas falas da Coordenadora Pedagógica da escola quanto nas falas da professora regente da sala, ambas não entendem a proposta de trabalho com o calendário como conteúdo de História, por meio da construção da noção de tempo, mas como um conteúdo referente à Matemática já que envolve números. Além disso, ambas consideram que História é um conteúdo curricular presente apenas a partir do Ensino Fundamental.

Ainda segundo Cooper (2006), outra prática recorrente é a de ajudar as crianças a nos contarem sobre eventos em suas vidas, sequenciá-los e explicá-los. Presenciamos no estágio as crianças de 4 anos contando sobre o que fizeram no feriado prolongado, a professora ia fazendo perguntas que tinham como objetivo fazer as crianças organizarem suas memórias para então narrar os acontecimentos. Quando conversamos com as crianças sobre os aspectos nos quais o passado se diferencia do presente por meio de perguntas como, por exemplo, "Quando você ainda era um bebê ou quando a mamãe era pequena?", também ajudamos nesse processo (COOPER, 2006).

No que trata das *Histórias infantis* e a sua relação com a *História disciplina*, Bage (2003) propõe que todo o currículo seja organizado em torno de histórias, principalmente nos anos iniciais da educação pois todo mundo ama uma história (do inglês *story*). Pois por meio delas as crianças podem relacionar suas próprias experiências de tempo com as histórias em livros de gravuras sobre outras crianças e famílias. As biografias pessoais das crianças e das pessoas com quem elas convivem podem ser usadas como ponto de partida para explorar o passado por meio de sua experiência direta (COOPER, 2006, p.177).

Historias tradicionais – como contos de fadas, mitos e lendas – nos falam sobre pessoas do passado porque derivam da historia oral. Dizem-nos como sempre existiram pessoas inteligentes e bobas, boas e más, pobres e ricas, em todas as sociedades. Dizem sobre as formas de vida no passado eram semelhantes a hoje: pessoas compravam e vendiam coisas, viajavam, celebravam, tinham esperanças, medos e desapontamentos. E vemos como as coisas eram diferentes num mundo de

limpa-chaminés, sapateiros, lenhadores, banqueiros, castelos e moinhos. (COOPER, 2006, p. 177-178)

Existem muitas versões de contos de fada tradicionais, frequentemente circulando entre culturas. É claro que o rato branco não se torna o cocheiro ou lobos se vestem como vovozinhas. No entanto, estas histórias são enraizadas na tradição oral. Elas, portanto, introduzem a ideia que o passado era diferente e também a ideia de continuidade, isto é, que algumas coisas não mudam. Elas também proporcionam contextos para discutir motivos, causas e identificarem as características comuns e a discutir razões para as diferenças: por que os papéis de gênero podem estar invertidos nas versões modernas ou por que a história pode ser recontada pela perspectiva do vilão ou transcourir num contexto contemporâneo? E há evidências de que, ao discutir tais interpretações, as crianças aprendem a diferenciar entre o fato e a ficção (COOPER, 2006, p. 181).

A história lida pela professora no dia da observação possibilita trabalhar a questão da ficção em relação a realidade, pois os alunos sabem que na vida real aqueles animais existem, sabem onde eles habitam. Para além, eles reconhecem que, de modo diferente dos personagens da história, os animais reais não falam nosso idioma, apesar de se comunicarem de outras formas: tais elementos permitem, concomitantemente, um trabalho de comparação, entre realidade e ficção. Apesar da história não possuir uma narrativa com elementos históricos muito acentuados, é possível perceber as várias interpretações possíveis para o mesmo objeto de estudo, no caso do livro "qual é a cor do amor?", cada personagem apresenta uma cor para representar esse sentimento, segundo as suas próprias experiências.

3.2. Análise da entrevista da professora

Através da entrevista da professora, fica claro que, durante sua formação, a concepção de História que ela recebeu é a da disciplina, sendo que essa foi ensinada por uma perspectiva de História pronta e acabada, tanto que a professora se refere ao ensino de fatos históricos. Segundo Sá,

A proposição de que a história é única remete à noção de “verdade histórica”. Nesse sentido, o ocorrido no passado não encontra na disciplina história a possibilidade de contemplar eventos radicalmente distintos – por exemplo, a ocorrência de uma revolução ou de um golpe de Estado –, admitindo-se apenas que o fato histórico seja interpretado de diferentes formas quanto aos desencadeantes remotos e imediatos, aos rumos tomados, às consequências produzidas, etc. (SÁ, 2015 p.263)

Provavelmente por essa formação, a professora demonstre uma preocupação em abordar os fatos históricos marcantes como o descobrimento, a independência, entre outros, em uma linguagem adequada à faixa etária, de forma a atingir os alunos.

Contudo, mesmo não tendo contato com uma educação que valorizava a história viva, a memória, a professora entrevistada reconhece a sua importância e trabalha com seus alunos e alunas as memórias pessoais e familiares, visando a construção da identidade deles, enquanto indivíduos e enquanto grupo. Como aponta Rosa (2007), a história é uma forma de memória, muito embora nem todas as formas de memória são história. O argumento que o autor traz é de que a história é memória, mas não pode se esgotar nela. Dito de outra maneira, o ensino de história não pode se limitar apenas em recordação e esquecimento, pois o trabalho com a disciplina de história é mais amplo que lidar somente com essas questões.

De acordo com Rosa, "[...] a história é uma prática epistêmica disciplinada que gera uma forma de conhecimento com pretensões de verdade, a qual se baseia em uma racionalidade construída e convencionada entre quem domina essa forma de arte." (ROSA, 2007, p.54). Em contrapartida, a memória é uma faculdade individual. Como diz o autor,

"[...] "é uma entidade suposta (fictícia) responsável pelas recordações e pelos esquecimentos; portanto, capaz de imaginar o desaparecido ou desistir de fazê-lo. Estritamente, só o que existe é a recordação, enquanto o esquecimento é a ausência de lembrança, seja porque no passado alguns acontecimentos não foram codificados (não foram então considerados significativos), seja porque foram inibidos, seja porque não combinam com os propósitos ou com o argumento a partir dos quais trata das lembranças citadas." (ROSA, 2007, p.54)

Sá (2015), por sua vez, completa que

A história e a memória não são [...] duas formas de acesso ou de relação com o passado imediatamente comparáveis. A história é uma prática científica, restrita a especialistas e conduzida segundo regras institucionalizadas, enquanto a memória constitui uma prática social exercida por todos e quaisquer membros de uma dada sociedade humana. (SÁ, 2015, p. 262)

No entanto é difícil separá-las totalmente, pois mesmo que a memória diga respeito a indivíduos, ou a um grupo específico de indivíduos, a uma experiência mais pessoal; e a história esteja voltada principalmente para a produção coletiva, os registros, etc., elas estão de alguma forma conectadas. E ambas permitem questões importantes a serem trabalhadas na sala de aula visando a formação dos alunos como cidadãos mais questionadores e críticos.

[...] a memória individual e social que opera sobre o tempo vivido, lembrando, registrando, esquecendo, distingue-se da memória histórica: "**a memória é a vida, sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido, ela está em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, (...) [enquanto que] a história é a reconstrução sempre problemática e incompleta do que não existe mais**" (NORA, 1981, p.7 apud SIMAN, 2003, p. 118, grifo nosso)

3.3. Análise da regênci

Na atividade que aplicamos, a memória individual é trabalhada de modo semelhante à atividade que registramos na análise da observação de estágio, porém, motivada por uma outra via: diversamente de questionarmos o que a criança fez no final de semana, mostramos objetos que não lhes pertencem, mas que se relacionam ou evocam de alguma forma objetos do seu cotidiano; e pedimos que elas nos contassem e registrassem quais foram as memórias que aquele objeto trouxe à tona. Levando em consideração que esta foi a primeira vez que aplicamos uma atividade, juntas, na Educação Infantil, acreditamos que os objetivos foram alcançados parcialmente em todos os quesitos.

Pensando sobre o objetivo de introduzir o tema de memória através da história adaptada de *Guilherme Augusto Araújo Fernandes*, acreditamos que foi alcançado de maneira satisfatória dado que as crianças se mostraram interessadas na escuta da história. Apesar disso, devemos ressaltar que no momento da roda de conversa, no qual havíamos previsto inicialmente uma discussão sobre a história e os aspectos que eles mais apreciaram ou lhes chamaram a atenção –, não houve um diálogo centrado nessas temáticas antes de passarmos para a próxima etapa da metodologia. Talvez houvesse sido mais interessante iniciarmos a conversa com os alunos sem os objetos da atividade de memória em mãos. Cremos que isso acabou desviando a atenção da discussão.

As técnicas didáticas são recursos que professores e professoras utilizam para ativar, processar e alimentar a construção de saberes intelectuais, afetivos e sociais. Enquanto as técnicas didáticas estão situadas na superfície externa da aprendizagem, as elaborações do alunado se situam em seu foco mais interno e constituem seu núcleo vital, sendo impossíveis de serem observadas. Seu estudo está mediado pela análise de algumas manifestações externas, entre as quais cabe destacar, por sua importância, as mudanças ocorridas nos comportamentos. (MORENO, 1999, p. 103)

Como expomos previamente, a maior parte dos desenhos foi mais breve no sentido de não trazer muitas informações adicionais quando questionadas sobre: "O que desenhou?", "Porque desenhou?", "Onde você viu?", "Isso te faz remeter algo?". Um exemplo do que chamamos de resposta breve seria: "Desenhei um livro e vi ele na casa da minha avó". Para as outras questões, a resposta foi muitas vezes o silêncio. Quando era questionada por uma de nós do porquê do desenho, a criança desviava o olhar, dava a mesma resposta que o colega deu ou dizia que não sabia. Um caso que podemos citar é do desenho de Carlos⁶. Seu desenho, de acordo com o que Carlos nos narrou, possui o livro, a medalha, o sapo (fantoche da história) e a concha (da história). Ao ver essa ilustração, percebemos que ele misturou dois elementos: o da história *Guilherme* e os objetos que mostramos na atividade. Perguntado por que os desenhou, ele nos contou que foi a primeira vez que um fantoche de sapo contou uma história e que por isso, ele o desenhou. Sobre a concha, é por que ele nunca tinha visto e, portanto, achou-a muito bonita. Quanto aos outros elementos, ele não soube explicar e, incentivado a falar disse que viu tanto o livro quanto a medalha em um *shopping*.

Houve poucos casos em que a resposta teve um nível maior de aprofundamento. Acreditamos que vale a pena citar esses casos. São sete crianças: Enzo, Marco, Isabela, Gustavo, Amanda, Vinicius, Maria. Infelizmente, os desenhos não estão em ordem cronológica – não falamos primeiro com o Enzo e depois com o Marco –, de modo que a narração desses fatos resultou um pouco confusa e fora de ordem.

⁶ Carlos é um menino que raramente frequenta a escola. Através do estágio de observação, ficamos sabendo pela professora que ele tinha muitas faltas e que, quando ele ia à escola, ficava um pouco perdido nas atividades e na rotina. Antes do dia da aplicação do plano de atividade, a professora nos contou que a mãe do menino esteve na reunião dos pais e que houve uma conversa entre as duas. A mãe de Carlos contou que estava desempregada e que sentia que não estava passando muito tempo com o filho. Por isso, passava a madrugada jogando *video game* com o menino e, assim, no dia seguinte, era difícil para mãe e filho levantar. A professora aconselhou a mãe de Carlos, dizendo que ele deveria frequentar a escola para conseguir acompanhar as atividades, conhecer a rotina e que, caso fosse difícil acordar cedo no dia seguinte, ela poderia transferi-lo para a turma da tarde no ano seguinte.

Quando chegou a vez do Enzo nos mostrar seu desenho e dizer o que ele havia ilustrado, o menino nos contou que havia feito uma máquina do tempo. Ficamos espantadas, já que a proposta era desenhar algo que o fizesse remeter sobre as memórias afetivas. Perguntamos a ele por que fez a imagem de uma máquina de tempo ao que o menino nos respondeu que era por que ela poderia ir a outro tempo, muito mais antigo que o nosso. Nós indagamos qual era o sentido de voltar ao tempo para ele. Ele nos olhou e nada disse.

Com o Marco, a história foi bem diferente. Ele nos contou que havia desenhado uma medalha. Questionamos o porquê desse desenho. Marco nos disse: "Lembra dos meus brinquedos que eu quebrei". Surpresas com a resposta, perguntamos a ele o motivo da quebra dos brinquedos. Ele respondeu que era por que os brinquedos eram velhos e, portanto, mais fáceis de quebrar.

Sobre o desenho de Gustavo, o menino nos contou que havia desenhado a biblioteca. Indagamos por que, ao que o menino nos respondeu que na biblioteca onde ele foi havia muitos livros velhos como aquele que uma de nós havia mostrado na aula. Antes que nós pudéssemos questionar qualquer coisa, ele contou que ficou espantado com a quantidade de livros que havia na biblioteca. Nesse momento, percebemos o quão maravilhado ele estava enquanto narrava para nós esta experiência.

O desenho de Amanda também é bastante interessante. Quando nós o vimos pela primeira vez nos causou um estranhamento. O desenho possuía quatro letras "B" e mais alguns elementos. Quando perguntamos a ela o porquê de ter desenhado a letra B, Amanda respondeu que ao ver o livro, ela se lembrou do caderno de escola da prima dela que era, de acordo com a menina, bem mais velha que ela. Questionamos a respeito da prima e como era a relação entre elas. Amanda disse que gostava muito da prima e que a prima sempre lia livros infantis para ela - e que esse gesto a deixava muito contente.

Vinicius, ao apresentar seu desenho, disse que desenhou dinossauros. Olhamos e perguntamos a ele o que o fez desenhar os vários dinossauros. O menino nos respondeu que, além de ter visto o dinossauro na capa do livro apresentado na aula, ele viu em outro lugar que não se lembrava. Questionado se ele havia visto os dinossauros sozinhos e, recebendo a negativa do garoto, indagamos com quem ele os tinha visto. Animado, ele nos contou que foi

com o avô e que este também adorava dinossauros. Perguntamos se ele tinha gostado de ver o dinossauro com o avô e nos respondeu que sim, mas que preferia brincar de batalhar⁷ com ele.

A vez de Maria chegou. Toda orgulhosa, mostrou o desenho. O que nos chamou a atenção foi a escrita *Frozen* no rodapé do desenho e pensando que Maria iria falar a respeito disso, perguntamos a ela o que havia ilustrado. Maria nos disse que havia desenhado o livro de receitas da sua mãe. Então, resolvemos perguntar por que a preferência pelo livro de receitas. A menina nos respondeu que era porque a mãe cozinhava coisas gostosas de comer usando o livro de receitas. Indagamos se ela gostava de comer essas comidas retiradas do livro e Maria respondeu que adorava e que ficava muito feliz quando sua mãe fazia tais receitas.

A história do desenho de Isabela também é bem diferente das que foram anteriormente narradas e a que mais nos surpreendeu. A menina nos contou que havia desenhado um livro pois lembrou da casa da avó. Indagamos o porquê daquela memória e ela nos contou, um pouco triste, que era por que a casa da avó dela tinha sido demolida. Espantadas pela resposta, perguntamos para ela se estava tudo bem com a avó ao que a menina respondeu, sorrindo, que a avó estava bem e morando junto dela - na casa de seus pais.

Tanto a atividade quanto os resultados dela – que são os desenhos dos alunos – levaram-nos a refletir sobre a lembrança, a memória. De acordo com Bosi (1994),

"Na maioria das vezes, lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e ideias de hoje, as experiências do passado. A memória não é sonho, é trabalho. Se assim é, deve-se duvidar da sobrevivência do passado, "tal como foi", e que se daria no inconsciente de cada sujeito. A lembrança é uma imagem construída pelos materiais que estão, agora, à nossa disposição, no conjunto de representações que povoam a nossa consciência atual." (BOSI, 1994, p. 23)

Levando em consideração a ideia da memória como uma reconstrução, influenciada pelo momento em que a lembrança foi evocada, ela nunca é reconstruída da mesma forma e com os mesmos sentimentos, mas sempre é verdadeira do ponto de vista de quem relembra: por isso trabalhar com memórias é diferente de fazer um trabalho com fontes históricas de outros tipos. A memória é um depoimento e, portanto, não deve ser questionada. Como

⁷ Quando Vinicius estava contando essa história, os demais alunos que já haviam terminado estavam um pouco inquietos. Por outro lado, aproximava-se o fim da nossa atividade e do horário da professora Elaine ir embora- e da professora Adriana chegar. Por conta disso, não conseguimos ouvir o jogo que Vinicius disse que gostava de batalhar com o seu avô.

aponta Santos (2015), "Não se pode questionar a visão da memória, não se pode duvidar da memória. A memória não é falsa, ela é subjetiva. Assim, pode-se afirmar que a memória está dentro da ciência histórica e que a História também está contida na memória." (SANTOS, 2015, p. 548).

4. REFLEXÕES FINAIS

A realização da presente disciplina e do estágio foram de suma importância para a nossa formação como futuras educadoras. Através das experiências de estágio, percebemos que no âmbito da Educação Infantil o trabalho com os conhecimentos históricos é realizado de uma forma mais indireta do que no Ensino Fundamental I e demais etapas da Educação Básica e por esse motivo até mesmo as coordenadoras pedagógicas e professoras apresentam dificuldades em reconhecê-lo no trabalho cotidiano realizado com as crianças. Contudo, ele ocorre como nos pareceu evidente na questão do trabalho com o calendário ainda que seja reconhecido tanto pela coordenadora pedagógica quanto pelo corpo docente como uma forma de abordar com os alunos elementos que dizem respeito a outras áreas do conhecimento, outros conteúdos, que não a História. Tal compreensão ocorre porque para eles a disciplina História é abordada apenas no âmbito do Ensino Fundamental quando se começa a ensinar aos alunos uma sucessão de fatos históricos cronologicamente situados.

Outro ponto que também nos chamou a atenção é o fato de considerarem a disciplina História como matéria curricular que aborda apenas fatos históricos. Nesse sentido, não a tomam enquanto um conhecimento que possibilita a construção da sua identidade pessoal e coletiva por intermédio da memória – seja ela individual e/ou coletiva –, formando assim pessoas mais conscientes e críticas. Como aponta Nora (1993),

Memória e História: longe de serem sinônimos, tomamos consciência que tudo opõe uma à outra. A memória é a vida, sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido, ela está em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulações, susceptível de longas latências e repentinas revitalizações. A história é a reconstrução sempre problemática e incompleta do que não existe mais. (NORA, 1993, p.9)

Foi-nos possível observar a influência da formação inicial do professor em sua forma de perceber a prática e os conhecimentos que ensina, porém, também destacamos que é

possível ir além do que se viveu durante a sua formação enquanto aluno e realizar assim um trabalho mais interessante e significativo para seus alunos e alunas.

Durante o estágio, pudemos colocar em prática uma das atividades que nosso grupo da sequência didática elaborou, mesmo com algumas adaptações, o que foi muito interessante para a nossa formação pois nos possibilitou que vivenciássemos na prática uma abordagem da História diferente da que tivemos quando éramos estudantes da Educação Básica. Nós, como a professora regente da turma, vivemos uma experiência com essa área do conhecimento que se restringiu basicamente ao estudo de fatos históricos, e isso na maior parte das vezes significou "decorar" uma sequência de acontecimentos ao invés de uma real apropriação. Dessa forma consideramos que o presente estágio proporcionou uma experiência muito rica que pudemos vivenciar os conhecimentos históricos por outra perspectiva.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOSI, E. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. 3ª edição. São Paulo: Companhia das letras, 1994.

COOPER, H. **Aprendendo e ensinando sobre o passado a criança de três a oito anos. Educar em Revista**. Curitiba, PR: Ed. EFPR, n. 164. Especial 2006; pp. 171-190.

MIRANDA, S. R. Reflexões sobre a compreensão (e incompreensões) do tempo na escola. In: ROSSI, Vera Lúcia Sabongi de; ZAMBONI, Ernesta (orgs). **Quanto tempo o tempo tem!** Educação, filosofia, psicologia, cinema, astronomia, psicanálise, história... Campinas: Editora Alínea, 2003; pp.173-204.

NORA, P. Entre Memória e História: a problemática dos lugares. **Projeto História**. Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História. São Paulo, (10) dez. 1993. Disponível em: <http://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/12101/8763>. Acesso em 25/11/2015

OLIVEIRA, S. R. F. de. O tempo, a criança e o ensino de história. In: ROSSI, Vera Lúcia Sabongi de; ZAMBONI, Ernesta (orgs). **Quanto tempo o tempo tem!** Educação, filosofia, psicologia, cinema, astronomia, psicanálise, história... Campinas: Editora Alínea, 2003. p.145-172.

ROSA, A. Recordar, descrever e explicar o passado. O que, como e para o futuro de quem?. In: CARRETERO, M., ROSA, A., GONZÁLEZ. M. F. (orgs.). **Ensino da história e memória coletiva**. Porto Alegre: Artmed, 2007; pp. 53-60.

SÁ, C. P. de. Entre a história e a memória, o estudo psicossocial das memórias históricas. **Cadernos de Pesquisa**. 2015, vol.45, n.156, pp. 260-274. . ISSN 1980-5314. Disponível em: < <http://educa.fcc.org.br/pdf/cp/v45n156/1980-5314-cp-45-156-00260.pdf> > Acesso em 24/11/2015.

SANTOS, R. C. G. P. dos. O conceito epistemológico de passado para professores de História. **Educação Santa Maria**. 2015, vol.40, n.3, pp. 545-564. ISSN 1984-6444. Disponível em: <http://educa.fcc.org.br/pdf/edufsm/v40n3/1984-6444-edufsm-40-3-00545.pdf>. Acesso em 24/11/2015.

SIMAN, Lana Mara de Castro. A temporalidade histórica como categoria central do pensamento histórico: desafios para o ensino e a aprendizagem. In: ROSSI, Vera Lúcia Sabongi de; ZAMBONI, Ernesta (orgs). **Quanto tempo o tempo tem!** Educação, filosofia, psicologia, cinema, astronomia, psicanálise, história... Campinas: Editora Alínea, 2003; pp.109-143.

ANEXOS

Anexo A – Adaptação do livro Guilherme Augusto Araújo Fernandes de Mem Fox

Era uma vez um menino chamado Guilherme que vivia ao lado de um asilo de idosos. Ele conhecia todos lá. Ele gostava da/do:

- 1) Sra Silvano que tocava Piano;
- 2) Sr. Cervantes que contava histórias arrepiantes;
- 3) Sr. Valdemar que gostava de remar;
- 4) Sra Mandala que andava de bengala;
- 5) Sr. Possante que tinha uma voz de gigante.

Mas a pessoa que ele mais gostava era Dona Antônia Maria Diniz Cordeiro por ela ter quatro nomes como ele. Era para ela que ele contava todos os seus segredos. Um dia, Guilherme ouviu seus pais comentando sobre Dona Antônia:

Mãe: Coitada.

Guilherme: Por que ela é coitada?

Pai: Por que ela perdeu a memória.

Guilherme: O que é memória? – ele vivia fazendo perguntas.

Pai: É algo de que você se lembra.

Não muito satisfeito com a resposta dada pelo pai, Guilherme foi até a Sra Silvano, a que tocava Piano e perguntou:

Guilherme: O que é memória?

Sra Silvano: Algo quente meu filho... algo quente.

Foi até o Sr. Cervantes, o que contava histórias arrepiantes e fez a mesma pergunta:

Sr. Cervantes: Algo bem antigo meu filho... bem antigo.

Ainda não satisfeito, resolveu perguntar para o Sr. Valdemar, o que gostava de remar:

Sr. Valdemar: Algo que o faz chorar...

Com a Sra Mandala, a que andava de bengala:

Sra Mandala: algo que o faz rir, querido...

Também perguntou para o Sr. Possante, o com voz de gigante:

Sr. Possante: algo que vale ouro meu jovem...

Então, Guilherme voltou para a sua casa, a procura de memórias para dona Antônia, que tinha perdido as suas. E as encontrou:

- Uma caixa de sapatos com conchas dentro;
- Um fantoche que fazia todo mundo rir;
- Uma medalha que seu avô tinha dado a ele;
- Uma bola que ele prezava muito;
- Um ovo de galinha bem quentinho.

E então, Guilherme levou tudo isso para Dona Antônia e um a um entregou a ela. E então, ela começou a se lembrar:

Do ovo quente: ela tinha encontrado, no passado um ovinho azul todo pintando no quintal de sua tia.

Das conchas: Ela foi para a praia de bonde e lembrou como era quente com suas botas de amarrar.

Da medalha: A ida de seu irmão mais velho indo para a guerra e nunca mais retornou.

Do fantoche: Lembrou que ela tinha uma e que havia mostrado para sua irmãzinha que dava muita risada com a boca cheia de mingau.

Da bola: lembrou o dia em que conheceu Guilherme e dos segredos compartilhados.

E ambos sorriram, pois as memórias de Dona Antônia haviam sido encontradas.

Anexo B – Fotos dos recursos e materiais do plano

A) Fotos dos recursos da história:



Concha



Casca de ovo



Medalha



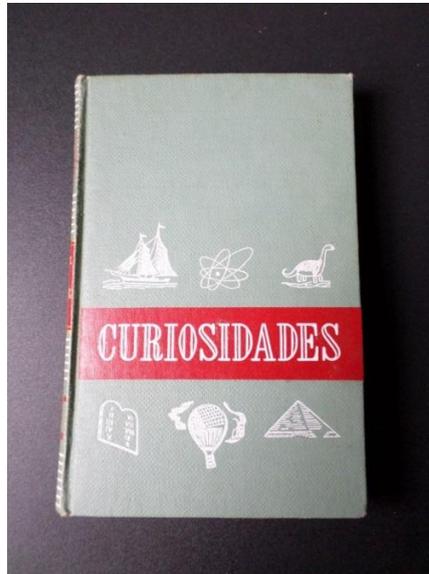
Fantoche



Bola

Fonte: Arquivo pessoal

B) Fotos dos recursos da atividade de memória:



Livro



Nota de 200 cruzeiros



Medalha de família

Fonte: Arquivo pessoal

Anexo C – O plano em prática⁸

Fotos da roda de conversa:

1) Os objetos da história:



⁸ Como eu não tenho autorização dos pais ou dos responsáveis pelas crianças, não posso expor suas imagens aqui. A melhor solução foi censurar os olhos das crianças quando suas faces estivessem bem completas na câmera e seus rostos quando suas faces estivessem de lado ou mais distantes. Apenas na atividade de desenho borrei os rostos de todas uma vez que eles estavam bem visíveis.

2) Os objetos carregam memórias:



3) Fotos dos alunos desenhando:



Fonte: Arquivo pessoal

Anexo D – Fotos dos desenhos dos alunos

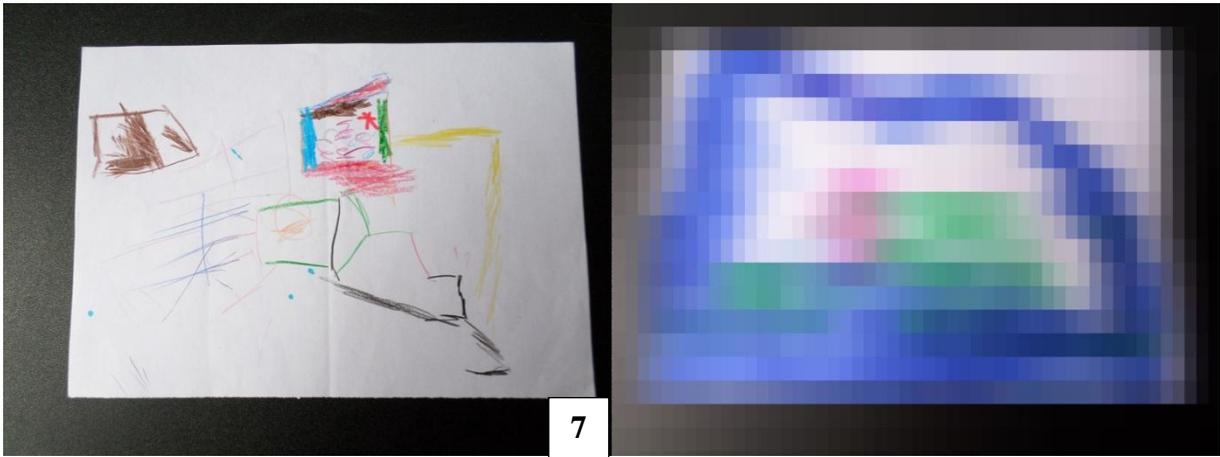
A) Desenhos com os elementos pedidos e respostas simples (diretivas)



- 1) Dinossauro que viu o filme e em um livro;
- 2) Livros;
- 3) Dinossauro gigante e dinossauro bebê que viu no livro;
- 4) Livro visto em um shopping e alguns bonecos;
- 5) Livro da casa da amiga da avó da aluna. Um livro muito antigo;
- 6) Desenho de Carlos.

B) Desenhos com os elementos pedidos e respostas mais rebuscadas (os 7 casos)





- 1) Desenho de Enzo – Máquina do Tempo;
- 2) Desenho de Marco – Medalha;
- 3) Desenho de Gustavo – Biblioteca;
- 4) Desenho de Amanda – Letra B;
- 5) Desenho de Vinicius – Dinossauros;
- 6) Desenho de Maria – Livro de receitas;
- 7) Desenho de Isabela – Livro.

Fonte: Arquivo Pessoal